

**O TRABALHO TERCEIRIZADO DE LIMPEZA DE
TRABALHADORAS COM LER/DORT**
**OUTSOURCED CLEANING OF WORKERS WITH RSI /
WMSD**

Bárbara Militelo Pestana¹

Maria do Carmo Baracho de Alencar²

¹ Terapeuta Ocupacional, Mestre em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP- BS). Pesquisadora das temáticas de trabalho e gênero, saúde do trabalhador e precarização do trabalho. Componente do NETEG – Núcleo de estudos do trabalho e gênero, na UNIFESP- Baixada Santista e doutoranda na mesma instituição. Santos, São Paulo, Brasil

² Terapeuta Ocupacional e psicóloga, Pós-Doutoramento em Psicodinâmica e Clínica do Trabalho. Professora associada na Universidade Federal de São Paulo, no departamento de Saúde Educação e Sociedade. Santos, São Paulo, Brasil

Resumo :O objetivo deste estudo foi investigar as vivências no cotidiano do trabalho de limpeza em serviços terceirizados e junto às trabalhadoras acometidas por LER/DORT. Foi realizada uma seleção de sujeitos que abriram notificação do Sistema de Informação de Agravos de Notificação por LER/DORT, no Centro de Referência em Saúde do Trabalhador, na cidade de Santos-SP. Desta listagem foram selecionadas trabalhadoras que atuavam em serviços terceirizados de limpeza. Foram realizadas entrevistas individuais para análise de conteúdo temática. Participaram deste estudo sete (7) trabalhadoras, com baixa escolaridade e idades entre 44 e 55 anos. Nos depoimentos foram encontrados sentimento de injustiça, tratamentos diferenciados e humilhação, alta rotatividade nos postos de trabalho, medo do desemprego, falta de EPIs adequados, subdimensionamento de equipes, entre outros, que geravam sofrimento. Este estudo concluiu que as trabalhadoras vivenciaram situações desrespeitosas e humilhantes durante o trabalho terceirizado, ressaltando a precariedade existente no trabalho terceirizado de limpeza e evidenciando a necessidade de intervenções que promovam melhorias nas condições de trabalho, bem como a necessidade de avanços e incentivos às políticas públicas visando a saúde dos trabalhadores e trabalhadoras desta categoria profissional.

Palavras Chave: Serviço Terceirizado; Saúde do Trabalhador; Serviço de Limpeza.

Abstract: The objective of this study was to investigate the experiences in the daily cleaning work in outsourced services and with workers affected by RSI / WMSD. A selection was made of subjects who opened notification of the Information System for Notifiable Diseases by RSI / WMSD, at the Reference Center for Occupational Health, in the city of Santos-SP. From this list, workers who worked in outsourced cleaning services were selected. Individual interviews were conducted for thematic content analysis. Seven (7) workers participated in this study, with low education and ages between 44 and 55 years. In the testimonies, feelings of injustice, different treatment and humiliation, high turnover in the workplace, fear of unemployment, lack of adequate PPE, under sizing of teams, among others, which caused suffering were found. This study concluded that the workers experienced disrespectful and humiliating situations in outsourced work, emphasizing the precariousness existing in outsourced cleaning work, and highlighting the need for interventions that promote improvements in working conditions, as well as the need for advances and incentives to public politics aimed at the health of workers in this professional category.

PESTANA, B.M.; ALENCAR, M.C.B. *O trabalho terceirizado de limpeza de trabalhadoras com LER /DORT*. R. Laborativa, v. 10, n. 2, p. 08-30, out./2021. <http://ojs.unesp.br/indexphp/rlaborativa>

Keywords: Outsourced Service; Occupational Health; Cleaning Service.

Resumen: El objetivo de este estudio fue investigar las experiencias en el trabajo de limpieza diaria en servicios subcontratados y con trabajadores afectados por TME / LMT. Se realizó una selección de sujetos que abrieron notificación del Sistema de Información de Enfermedades Notificables por TME/LMT en el Centro de Referencia de Salud Ocupacional, en la ciudad de Santos-SP. De esta lista, se seleccionaron los trabajadores que trabajaban en servicios de limpieza subcontratados. Se realizaron entrevistas individuales para el análisis de contenido temático. En este estudio participaron siete (7) trabajadoras, con baja escolaridad y edades entre 44 y 55 años. En los testimonios se encontraron sentimientos de injusticia, trato diferente y humillación, alta rotación en el lugar de trabajo, miedo al desempleo, falta de EPP adecuado, equipos de tamaño insuficiente, entre otros, que causaron sufrimiento. Este estudio concluyó que los trabajadores vivieron situaciones irrespetuosas y humillantes en el trabajo subcontratado, enfatizando la precariedad existente en el trabajo de limpieza subcontratado, y destacando la necesidad de intervenciones que promuevan mejoras en las condiciones laborales, así como la necesidad de avances e incentivos a las políticas. políticas dirigidas a la salud de los trabajadores de esta categoría profesional.

Palabras Clave: Servicio Subcontratado; Salud del Trabajador; Servicio de Limpieza.

1 Introdução

Os avanços do capitalismo transformaram os pilares que constituíam o mundo do trabalho nas últimas décadas, afetando de forma significativa a classe trabalhadora em escala global e resultando no aumento da exploração da mão de obra dos trabalhadores e trabalhadoras que compõe a classe que vive do trabalho (ANTUNES, PRAUN 2015). Estes trabalhadores e trabalhadoras do mundo inteiro dependem do trabalho como forma exclusiva de sustento, porém em pleno século XXI, o que se encontra nas ofertas de emprego são trabalhos cada vez mais precários e instáveis (ANTUNES, 2020).

Com a expansão do mercado internacional no início da década de 1990 no Brasil, aliado ao avanço tecnológico, foi desencadeado o processo de flexibilizações e mudanças nas relações de trabalho (MANDARINI et al,

PESTANA, B.M.; ALENCAR, M.C.B. *O trabalho terceirizado de limpeza de trabalhadoras com LER /DORT*. R. Laborativa, v. 10, n. 2, p. 08-30, out./2021. <http://ojs.unesp.br/index.php/rlaborativa>

2016). Estes novos modos de organização visaram a redução de custos dos processos produtivos e culminou em uma competitividade exacerbada entre as empresas, que provocou a descentralização das atividades empresariais, possibilitando a fragmentação dos processos produtivos (FREZ, MELO, 2016). Nestes modelos organizacionais, a produção em larga escala foi essencial e criou a necessidade de buscar serviços cada vez mais especializados, sendo norteados pela alta produtividade aliada ao baixo custo de produção (ANDRETA, CAMPOS, 2015). Assim, com a adoção de novos modelos de gestão as empresas passaram a subcontratar os seus funcionários (POCHMANN, 2014).

Esta técnica de subcontratação de trabalhadores e trabalhadoras foi chamada de terceirização e pode ser entendida como uma técnica de administração de empresas que leva a mudanças estruturais, principalmente nos procedimentos e sistemas de produção, com objetivo de concentrar todos os esforços da empresa para a sua atividade principal (GIOSA, 2003). Em escala global, a terceirização faz com que as empresas terceirizadas entrem em processos muito rigorosos de competição pelo menor preço de fornecimento e qualidade de serviços, gerando queda na margem de lucro que reflete nas condições de remuneração e de trabalho dos trabalhadores e trabalhadoras que ali estão empregados (CHAN, PUN, SELDEN, 2019).

Atualmente a terceirização das atividades é extremamente comum no cenário empresarial, sendo que toda vez que uma empresa terceiriza as suas atividades ela transfere a outra empresa os riscos e os custos de contratação da força de trabalho (REIS, 2014). Uma justificativa que as empresas se utilizam para adotarem a terceirização é de que o mercado globalizado exige modernidade, competitividade e uma maior qualidade dos produtos, sendo assim, teriam que se debruçar na potencialização da sua produtividade no que diz respeito apenas a atividade econômica principal da empresa. Porém, o principal e real motivo para que a terceirização seja fortemente adotada nas empresas é o de obter uma redução dos custos no processo produtivo em determinados setores da empresa (POCHMANN, 2014; DRUCK, 2011). Esta estratégia de redução de custos impulsionou a terceirização dos serviços dentro das empresas apoiada pelo neoliberalismo, que foi rapidamente adotado em larga escala

global, colaborando com o empresariado e garantindo infraestrutura, fragmentação das leis trabalhistas e ordem (CHAN, PUN, SELDEN, 2019).

Esta prática de terceirização de partes do processo produtivo é também uma estratégia política, que contribuiu decisivamente para distanciar a força de trabalho terceirizado dos não terceirizados, dissolvendo qualquer identidade de classe (DRUCK, 2011). Com isso, as empresas terceirizadas tendem a contratar com remuneração e condições de trabalho inferiores se comparadas aos postos de trabalho não submetidos a subcontratação de mão de obra (POCHMANN, 2014).

Sendo assim, essa prática tem trazido prejuízos para o trabalhador e para a trabalhadora terceirizados em relação à precarização do trabalho e emprego, com a intensificação do ritmo de trabalho, maior concentração de tarefas e responsabilidades, aumento da jornada de trabalho, insegurança sobre a permanência no emprego, além da redução dos direitos trabalhistas e sociais (REIS, 2014). O trabalho terceirizado cria dessa forma uma marginalização, como se fossem trabalhadores e trabalhadoras “de segunda classe”, basta observarmos as condições de trabalho que as empresas terceiras oferecem aos seus funcionários em relação as condições oferecidas para os contratados com contratos diretos (SRT/DIEESE, 2014). Segundo Aquino et al (2016), o processo de flexibilizar as relações de trabalho pode levar a um processo de vulnerabilidade social, não só pela perda de direitos trabalhistas e pela precarização das condições de trabalho, mas também, por não delimitar um caminho de inserção plena no mercado de trabalho.

A precarização no trabalho pode ser entendida como um processo no qual o trabalhador e a trabalhadora são obrigados a se submeter as imposições de exploração e submissão, com ausência de direitos fundamentais (ANTUNES, 2011). Assim, estes se veem cada vez mais cooptados, tornando-os uma população vulnerável em diversos aspectos como no acesso à informação, à educação e a possibilidade de socialização (AQUINO et al, 2016). Para Lancman et al (2019), há um consenso quando se fala sobre a relação entre precarização do trabalho e o aumento da vulnerabilidade do direito do trabalhador e da trabalhadora à proteção social e ao trabalho seguro. É uma manifestação significativa dos efeitos das flexibilizações e das precarizações das condições de

trabalho e um indicador de aumento da incidência de acidentes, adoecimentos e até os óbitos relacionados ao trabalho (ANTUNES, PRAUN, 2015). Para Berni et al (2016), a terceirização tende a propiciar condições de humilhação e desfavorecer o desenvolvimento de um ambiente de trabalho digno no cotidiano devido a tendência de precarização das condições de trabalho.

Entre os serviços que mais são terceirizados atualmente encontra-se o setor de limpeza. O trabalho de limpeza tem aspectos que favorecem o aumento dos riscos ocupacionais por si só, como por exemplo os distúrbios osteomusculares, que decorrem dos esforços físicos e da repetitividade que são características deste tipo de trabalho (KUMAR, 2006). Segundo Luz et al (2017), é uma atividade que pode implicar em posturas desfavoráveis além de repetitivas, e por isso podem desenvolver problemas de saúde relacionados ao sistema musculoesquelético.

As lesões por esforço repetitivo e os distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho (LER/DORT) são caracterizadas por danos decorrentes do uso excessivo das estruturas musculoesqueléticas, e com fatores de risco multifatoriais, tendo entre os principais sintomas a dor que pode causar incapacidade laboral temporária ou permanente (BRASIL, 2019a). Este conjunto de doenças estão ainda hoje entre as principais causas de incapacidade para o trabalho e apresentam prejuízos socioeconômicos por estarem entre os maiores problemas de saúde pública no Brasil e no mundo (BRASIL, 2019a).

Em relação à organização do trabalho de limpeza, o número reduzido de funcionários para realizar as tarefas pode ser considerado um fator de risco para o desenvolvimento de LER/DORT, além do uso de materiais precários e forte fiscalização no desempenho por parte dos supervisores, que também contribui para os prejuízos relacionados à saúde mental (ANDRADE et al, 2016). Estes trabalhadores e trabalhadoras terceirizados de limpeza estão expostos também aos produtos químicos e à contaminação por fluidos biológicos (fezes, urina, sangue ou vômito), dependendo do local de trabalho, bem como expostos ao risco de outros acidentes como por exemplo com instrumentos perfurantes (CHILIDA, COCO, 2004).

Estudos trazem o sexo feminino com maiores incidências de acometimento por LER/DORT (BRASIL, 2019a; ASSUNÇÃO, ABREU, 2017; BRENDBEKKEN et al, 2016; FREITAS et al, 2015). Outros estudos apontam também um predomínio de acometimento por LER/DORT em mulheres com idade considerada produtiva e com baixo grau de escolaridade (SANTOS, MARTINS, 2019; LUZ et al, 2017; DOSEA et al, 2016).

O foco desse estudo foram as mulheres trabalhadoras terceirizadas de limpeza, devido os elevados riscos de acometimento por LER/DORT desta categoria profissional. Sendo assim, o objetivo deste estudo foi o de investigar as vivências no cotidiano do trabalho de limpeza em serviços terceirizados junto às trabalhadoras acometidas por LER/DORT.

2 Métodos

Trata-se de um estudo exploratório, descritivo e qualitativo. O estudo teve duas etapas. Na primeira etapa foi obtido junto à coordenação do Centro de Referência em Saúde do Trabalhador-CEREST, da cidade de Santos-SP, uma listagem de 103 sujeitos que abriram notificações neste serviço pelo Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), relacionados a LER/DORT, no período de 02 de Janeiro de 2014 a 31 de Dezembro de 2015. O SINAN é um sistema que registra a notificação dos casos de doenças e agravos a saúde que constam da lista nacional de doenças que devem ter notificação compulsória (BRASIL, 2019b).

Das 103 notificações abertas no período relacionadas às LER/DORT, a maioria era do sexo feminino, correspondendo à 61,2% (n=63), com idade entre 30 e 49 anos e com escolaridade variando entre ensino fundamental incompleto até o ensino médio completo. Foram identificados cinquenta e um (51) trabalhadores e trabalhadoras do setor de serviços, somando 49,5% do total de casos abertos no período.

Dentre os registrados no setor de serviços, trinta e três (33) eram do sexo feminino e estavam registradas como trabalhadoras de serviços de limpeza, sendo que quatorze (14) não tinham contato telefônico atualizado, e dez (10) atuavam apenas como diaristas, sem terem vivenciado o trabalho terceirizado. Assim, para este estudo foram

contatadas por telefone nove (9) mulheres, das quais sete (7) aceitaram participar voluntariamente do estudo. Os contatos telefônicos e convite para participação voluntária no estudo foram realizados no período entre Março e Julho de 2017.

Na segunda etapa e a partir do aceite em participar do estudo, foram agendadas entrevistas baseadas em um roteiro pré-estabelecido com questões abertas e semiestruturadas sobre o trabalho de limpeza terceirizado, o adoecimento por LER/DORT e a vivência com sintomas dolorosos e/ou limitantes. As entrevistas foram realizadas no CEREST ou nas moradias das trabalhadoras, segundo a disponibilidade delas, e tiveram uma duração aproximada de 60 minutos.

As entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra para análise de conteúdo temática (BARDIN, 2011). Segundo a autora, a análise de conteúdo temática é um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, tendo como objeto a fala, isto é, o aspecto individual e atual (em ato) da linguagem.

Para a realização das etapas deste estudo, todas as trabalhadoras assinaram os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, seguindo as determinações do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de São Paulo, UNIFESP. O estudo foi aprovado sob número 693/2016 do Comitê de Ética em Pesquisa da UNIFESP, e sob o número CAAE 63085212.7.0000.5505

3 Resultados e discussão

Participaram das entrevistas sete (7) trabalhadoras com idades entre 44 e 55 anos e com baixa escolaridade. Todas estavam ativas em seus trabalhos no momento das entrevistas e trabalhavam há mais de dez anos em serviços de limpeza terceirizados. As entrevistadas viviam na cidade de Santos -SP. As trabalhadoras eram de diferentes empresas terceirizadas e atuavam em setores públicos e privados. Entre os locais de trabalho estavam: setor administrativo de um hospital, prédio de administração pública, creche de ensino fundamental, supermercado, shopping center e prédios residenciais e comerciais.

PESTANA, B.M.; ALENCAR, M.C.B. *O trabalho terceirizado de limpeza de trabalhadoras com LER /DORT*. R. Laborativa, v. 10, n. 2, p. 08-30, out./2021. <http://ojs.unesp.br/indexphp/rlaborativa>

Após a análise das entrevistas, foram elencadas duas categorias temáticas: “A precariedade do trabalho terceirizado de limpeza” e “LER/DORT e as dificuldades”. Por questões éticas foram utilizados nomes fictícios, para preservar a identidade das trabalhadoras.

3.1 A precariedade no trabalho terceirizado de limpeza

A precariedade no trabalho é caracterizada por uma atividade com fins econômicos exercida em condições que colocam aqueles que a realizam em uma situação de risco, vulnerabilidade ou degradação, e que pode ser identificada a partir das condições objetivas e subjetivas de exercício do trabalho (Vargas, 2016). Diversas situações dentro deste contexto portanto, podem caracterizar a precariedade no trabalho.

As entrevistadas relataram que havia um tratamento diferenciado entre os trabalhadores e trabalhadoras terceirizados e os não terceirizados.

(...) Era totalmente diferente você e para a funcionária de lá. E era a funcionária da limpeza, que era da limpeza também, que não era terceirizada, e a gente, pois a gente não tinha liberdade nem de comer no local que eles comem, o banheiro era outro, era tudo outro! Era como se aquela empresa terceirizada tivesse doença contagiosa! (Carolina, 48 anos).

Havia distinções nos tratamentos entre as trabalhadoras terceirizadas e os contratados de forma direta. Essas diferenças incluíam a impossibilidade de utilizar determinados locais que os contratados de forma não terceirizada utilizavam (como refeitório e banheiros). As humilhações e discriminações dentro do ambiente de trabalho podem causar desgosto, amargura e sofrimento, por expor de forma pejorativa a condição do trabalhador (ALMEIDA et al, 2018). Os autores também afirmam que essas situações podem trazer diversos efeitos à saúde, que dependem da duração e intensidade dos eventos, mas que causam ou contribuem para inúmeros transtornos psicopatológicos, psicossomáticos e comportamentais. Também, em um ambiente organizacional não deve haver desigualdade de tratamento entre os trabalhadores ou trabalhadoras, visto que todos são iguais uns perante os outros enquanto

pessoas e a única coisa que deveria diferir uns dos outros seriam suas responsabilidades e suas respectivas funções (SANTOS et al, 2016).

Em um estudo realizado em uma instituição de ensino pública no Brasil, as trabalhadoras de limpeza apontaram algumas orientações que eram recebidas pela chefia como: não olhar no olho dos alunos e professores, não usar o banheiro dos docentes, abaixar a cabeça quando alguém se interpõe em seu trabalho e não contestar quando questionadas sobre o serviço, como se fossem inferiores a quem trabalhava na instituição (GEMMA et al, 2017).

Algumas entrevistadas apontaram que não havia acesso fácil à água potável para beber.

(...) Eu táva num posto que não tinha banheiro, não tinha água pra beber [...] tinha que levar água de casa. Tem postos que não tem nem banheiro perto pra você usar, entendeu? Então quer dizer, você tem que trabalhar o dia inteiro sem direito a ir no banheiro, né? (Nise, 45 anos).

Muitas vezes o banheiro ficava longe, dificultando o acesso e gerando constrangimentos pelo tempo de deslocamento exigido. Ainda houve queixas quanto a dificuldade no uso de um fogão, micro-ondas ou geladeira para que pudessem esquentarem e guardarem as suas marmitas, uma vez que as empresas não ofereciam refeições.

(...) Chegava num lugar que muitas das vezes não tinha onde esquentar uma comida, você ficava sem comer... Chegava num lugar que não tinha geladeira e a comida azedava... (Carolina, 48 anos).

A maioria das trabalhadoras relatou dificuldades em guardar as marmitas em local apropriado e para aquecê-las antes das refeições, gerando sofrimento e sentimento de injustiça. A terceirização cria um estigma de trabalhador de segunda classe desumanizado perante as relações de trabalho, de forma a não proporcionar tratamento igualitário e digno para quem trabalha sob essa forma de contratação (MOSSI, 2019). A mesma autora ainda descreve que a terceirização não trouxe apenas injustiças econômicas e legais, mas também injustiças de cunho social e

moral nos espaços de trabalho, acentuando o desrespeito inerente à condição dos trabalhadores e trabalhadoras terceirizados que pode afetar diretamente a subjetividade e autoestima.

Havia também uma queixa comum entre as entrevistadas de uma alta rotatividade em postos de trabalho, aumentando as exigências de tarefas cotidianas e uma rápida e constante readaptação a diferentes condições de trabalho.

“(...) Isso é ruim na rotação de posto, tem lugar que você é bem tratado e tem local que você não é!”
(Carolina, 48 anos).

A rotatividade nos locais de trabalho afetava os vínculos afetivos e sociais que dificultavam ainda mais o sentimento de pertencimento ao local de trabalho. Essas mudanças trazem dificuldades em relação ao reconhecimento da dinâmica funcional do novo local, o que pode demandar uma carga psíquica e cognitiva maior a cada mudança de setor (SZNELWAR et al, 2004). Todas essas situações podem gerar um sofrimento social que advém de uma profunda insegurança. O sofrimento social é caracterizado pela perda da confiança no outro, em si mesmo e da sua dignidade de existir, além da perda de confiança no futuro, que se torna ameaçador (MACHADO, GIONGO, MENDES, 2016).

As entrevistadas também referiram o medo do desemprego.

(...) E o medo de perder o emprego? Eu ficava com muito medo! Fiquei mal mesmo...muito medo de perder o emprego, que é uma segurança, querendo ou não... A gente desempregada não é nada. Na terceirizada, você não tem segurança nenhuma, na hora que eles acharem que você não tá produzindo eles vão te mandar embora! (Penha, 44 anos)

Elas se viam como facilmente substituíveis, assim, tendo que se esforçar ao máximo para dar conta das exigências do trabalho para não serem demitidas. Por dependerem do trabalho, muitos se submetem a locais com condições precárias, e acabam banalizando as formas de organização do trabalho exploratórias que colocam em risco sua saúde e até mesmo a vida destas pessoas (DEJOURS, 2007). O sentimento

contínuo de insegurança por ser substituível pode gerar situações desgastantes para a saúde dos trabalhadores e trabalhadoras, principalmente no trabalho terceirizado devido as características de maximizar a utilização da mão de obra aliada as altas exigências de qualidade e produtividade (CHAGAS, REIS, 2014).

Foi apontado ainda, por algumas entrevistadas, que não havia sempre a disponibilidade de equipamentos de proteção individual (EPI) adequados e necessários.

(...) Não tinha luva, não tinha bota... só a roupa só e pronto, entendeu? Não tinha as máscaras, não tinha os óculos, não tinha nada pra você mexer com produto químico. Não tinha nada disso! (Nise, 45 anos).

A exposição aos produtos químicos utilizados para limpeza pode trazer prejuízos a saúde dos trabalhadores e trabalhadoras (CHILIDA, COCO, 2004), sendo que este risco se intensifica quando não há proteção adequada durante a realização das tarefas cotidianas do trabalho de limpeza (AZEVEDO, 2015). É possível indagar que o empregador prefere economizar ainda mais no setor de limpeza quando não oferta os EPIs adequados para o trabalho, expondo os terceirizados aos riscos à saúde constantemente. As entrevistadas também destacaram o subdimensionamento das equipes e as sobrecargas no trabalho.

(...) Tem que limpar um prédio inteiro que era de dez e só tem uma, aquela uma tem que limpar do mesmo jeito, porque é cobrado do mesmo jeito! (Carolina, 48 anos).

(...) a firma fala que a gente não pode pegar saco de lixo com muito peso, se tiver muito pesado a gente não pode pegar, mas não tem outra pessoa para pegar! (Tarsila, 44 anos)

A exploração da mão de obra no trabalho terceirizado era comum entre elas. As sobrecargas decorrentes da diminuição no quadro de funcionários, a manutenção das cobranças e exigências de trabalho também foram encontradas em outros estudos (GEMMA et al, 2017; AGUIAR, VERDE, TAVARES, 2016). Sendo assim, a precariedade do trabalho se manifesta diretamente na forma de intensificação das relações

de dominação, e como sujeição dos trabalhadores e trabalhadoras que perdem cada vez mais a capacidade coletiva de intervir sobre seu trabalho e suas condições de trabalho (VARGAS, 2016).

3.2 LER/DORT e as dificuldades

As entrevistadas referiram queixas de sintomas dolorosos.

“(...) Dói o nosso corpo? Dói. Tem hora que dá um desânimo? Dá! Esse negócio de faxina judia da gente...não é fácil, a faxina é pesada, né?” (Dandara, 55 anos).

Sintomas osteomusculares ocorriam com frequência no trabalho. E essa é uma característica do trabalho de limpeza que ao longo do tempo pode adoecer quem executa (BERNI et al, 2016). O trabalho de limpeza exige movimentos repetitivos e esforços físicos, sendo assim um trabalho de risco para o surgimento de LER/DORT (KUMAR, 2006).

A relação entre o trabalho e o surgimento de LER/DORT também foi mencionada por elas.

(...) É um trabalho que... é um trabalho que gradualmente ele vai deixando você doente, não tem jeito. Você vai ficar doente porque você faz muito movimento repetitivo com os braços, você sobe, desce, você vem lá, vem cá... (Penha, 44 anos).

Sintomas dolorosos foram referidos no cotidiano de trabalho e durante a execução das tarefas, segundo as entrevistadas. Em alguns casos esses sintomas permaneciam também após a jornada de trabalho. Havia uma tendência de negação da doença e de racionalização emocional. Quando surgem as adversidades do trabalho, as estratégias assumem o papel defensivo pois, para conseguirem trabalhar e enfrentar o sofrimento os sujeitos constroem estratégias de defesa que são muitas vezes inconscientes, e que levam à racionalização e negação da realidade que os faz sofrer (ROSSI, 2010).

Apesar de ser uma atividade com sobrecargas físicas, as trabalhadoras entrevistadas relataram que tinham dificuldade em terem

suas dores reconhecidas, tanto pela empresa, quanto pelos profissionais da medicina.

(...) A minha chefe viu que eu não táva bem, mas também ela não ligou, ela não quis saber, aí sabe o que ela falou? Ah você tá fingindo, ah tá inventando! (Elis, 50 anos).

"(...) Ela queria que levantasse o braço e eu falei eu não aguento doutora, e ela: você tá com manha!" (Carolina, 48 anos).

Era comum a desconfiança em relação a veracidade das queixas de dor, sendo que as trabalhadoras eram constantemente acusadas de estarem fazendo "corpo mole" e/ou de serem "preguiçosas". As LER/DORT são consideradas doenças "invisíveis", com muita dificuldade de serem reconhecidas por ter como principal sintoma a dor (GAEDK, KRUG, 2008). Assim, é comum haver desconfiança por parte dos superiores de forma errônea, como também dos próprios colegas de trabalho devido a persistente ideia de que o trabalhador e a trabalhadora adoecidos possam estar fingindo a doença para se afastar e/ou se ausentar do trabalho (DOSEA et al, 2016).

Essa dificuldade de terem seus sintomas reconhecidos é uma situação recorrente em trabalhadores acometidos por LER/DORT devido a invisibilidade da doença. Ainda, a apresentação de um quadro clínico para o diagnóstico das afecções dolorosas relacionadas ao trabalho, em geral, não condiz com os resultados dos exames clínicos (MERLO et al, 2001). Essa condição ocorre, segundo os autores, pois não há um exame clínico que seja capaz de identificar e mensurar a dor dos pacientes, que é a principal queixa dos trabalhadores e trabalhadoras que buscam os atendimentos de urgência e emergência de hospitais.

Quando não era mais possível suportar as dores e necessitaram ir ao médico houve falta de apoio da empresa, repressão e descaso com a situação de adoecimento. Esta situação de descaso frente ao adoecimento gerava indignação e sofrimento.

(...) Por eu tá saindo pra ir pro médico eu cheguei a ser tirada de um posto e me deram três dias de advertência [...] Se eu quisesse ir no médico era assim... Ou você traz o atestado ou você ganha falta! (Carolina, 48 anos).

A apresentação do atestado médico em geral abonaria o desconto salarial, porém esta era uma situação delicada para elas, pois havia o risco de levarem advertência e de serem demitidas por apresentarem atestados. Isso demonstra o desrespeito aos trabalhadores e trabalhadoras adoecidos e o enfraquecimento dos seus direitos. Com isso, elas trabalhavam doentes, ressaltando o presenteísmo e favorecendo os agravamentos de saúde. Para Camargo (2017), o trabalhador ou trabalhadora presenteísta traz consigo vivências que atuam conflituantes: de um lado um processo de adoecimento em andamento, de outro, uma relação com o trabalho marcada por ameaças. Para o autor, o sujeito comparecendo doente ao trabalho, pode não ter condições de dar a atenção necessária às suas questões e necessidades de saúde.

Além disso, as trabalhadoras se sentiram desvalorizadas no momento que a empresa percebeu que estavam adoecidas, aumentando cada vez mais o sentimento de injustiça e o medo da demissão.

“(...)O que é ruim é a maneira que você é vista quando está doente, quando você tem algum problema você é descartável [...] Você ficou doente... pra eles tanto faz, se puder mandar você embora o mais rápido possível melhor!” (Tarsila, 44 anos).

(...) A empresa sempre pensa nela, você é você, se não prestou é só mais um número. Se você não tá bom, se você tá doente, eles te substituem, não pensam duas vezes (Penha, 44 anos).

Quando se perceberam adoecidas as trabalhadoras se sentiram descartáveis e substituíveis, sem nenhuma importância para a empresa, havendo um sentimento de desamparo. E assim se cria a base do ideal capitalista, de que o trabalhador valorizado é aquele que mostra mais produção, que dá mais de si (RAMOS et al, 2010). Entretanto, essa lógica perversa expõe o trabalhador e a trabalhadora aos riscos ocupacionais e

situações de trabalho que causam ou colaboram com o adoecimento, comprometendo a capacidade de trabalho que não responde mais a super exploração que o trabalho terceirizado e flexível exige, tornando-o descartável (SILVA, FERREIRA, ALMEIDA, 2019).

Pelo medo do desemprego a organização do trabalho tende a minar a expressão da individualidade do trabalhador e da trabalhadora, bem como qualquer forma de resistência individual e coletiva ao contexto de trabalho (ROCHA, MENDES, MORRONE, 2012). Quando submetidos à essas formas de dominação pelos modelos gerenciais de ameaças, vivem constantemente com medo, gerando condutas de obediência e submissão e é fundamental compreender o que está por trás destes comportamentos (DEJOURS, 2007). A dor e as vivências relacionadas oriundas das LER/DORT comprometiam a saúde mental e as entrevistadas relataram preocupações.

“(...) Se você tá com dor e deixa mexer muito com seu psicológico você fica pior, sabe? Você tem que lutar com ela.” (Dandara, 55 anos).

“(...) Esses problemas de saúde, prejudicou também o meu lado psicológico, ficou abalado, né?.” (Elis, 50 anos).

As entrevistadas se encontravam em sofrimento psíquico causado pelas doenças e algumas restrições físicas relacionadas. Algumas tentavam resistir ao sofrimento e às dores, porém com custos à saúde mental, pois quando não conseguiam cumprir as exigências do trabalho e ao ritmo imposto começavam, em geral, a serem acusadas de ineficiência. Além disso, a presença de uma doença pode repercutir não só na atividade de trabalho, mas também na vida familiar, laboral, social e no psiquismo do trabalhador (MERLO et al, 2001).

No que tange a saúde mental relacionada as LER/DORT, Merlo et al (2001), ressaltam que o peso e a interpretação da dor normalmente têm recorrência e explicações de ordem psicológica, em que a justificativa dos sintomas recai muito mais em características pessoais do trabalhador,

associadas com fatores de personalidade ou suscetibilidade individual às tensões diárias, do que nas condições de trabalho.

4 Considerações Finais

Neste estudo foram destacadas as vivências de trabalhadoras dentro de empresas terceirizadas onde foram encontradas situações de descaso, injustiça e humilhações. Os modos e tratamentos diferenciados entre as trabalhadoras terceirizadas e os que não eram terceirizados se destacaram, corroborando com estudos anteriores que também confirmam o estigma do trabalhador marginalizado devido a sua forma de contratação terceirizada e precária.

Também, as trabalhadoras estavam adoecidas por LER/DORT e sofriam com a falta de apoio, descasos e situações de desrespeito pela invisibilidade da doença por parte dos supervisores e profissionais da medicina. Diversas situações vivenciadas e relatadas indicaram que a precariedade no trabalho de limpeza terceirizado que as entrevistadas exerciam pode ter relação com seus adoecimentos por LER/DORT.

O estudo apresentou limitações, entre elas o número baixo de entrevistadas, não sendo possível afirmar que essas vivências ocorrem em todos os locais de limpeza terceirizados, porém, espera-se com este estudo, contribuir para uma compreensão acerca das injustiças e sofrimento vivenciados pelas trabalhadoras que foram entrevistadas. Também, sugere-se que novos estudos sejam realizados junto aos serviços de limpeza terceirizados para maior compreensão do tema.

Nota: O estudo é derivado de dissertação de mestrado. O estudo foi financiado pelas CAPES via bolsa de mestrado pela UNIFESP- Baixada Santista, em Santos-SP.

Referências

AGUIAR, J.G.G; VERDE, G.K.G.R.V; TAVARES, M.S.A. Clínica psicodinâmica do trabalho: análise das vivências de colaboradores da limpeza. **Fragmentos de Cultura**, v. 26, n.2, p.197-206, 2016.

PESTANA, B.M.; ALENCAR, M.C.B. *O trabalho terceirizado de limpeza de trabalhadoras com LER /DORT*. R. Laborativa, v. 10, n. 2, p. 08-30, out./2021. <http://ojs.unesp.br/indexphp/rlaborativa>

Disponível em:
<http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/view/4894/2742>

ALMEIDA, A.C; PENA, P.G.L; FREITAS, M.C.S; LIMA, M.A.G. Assédio moral institucionalizado: trajetória de operadores de teleatendimento com LER/DORT. **Laborare**, v.1, n.1, p.63-84, 2018. Disponível em: <https://revistalaborare.org/index.php/laborare/article/view/2595-847x.2018-14/4>

ANDRADE, M.O; CUNHA, V.S; LINS, W.M.S; YUNG, F.R; ABDON, J.A.S; SOUZA, E.M. Saúde ocupacional e riscos psicossociais em trabalhadores da limpeza de instituição de ensino superior: Um estudo qualitativo em Brasília, DF. **Tempus, ACTAS de saúde colet.**, v.10, n.1, p.143-156, 2016. Disponível em: <https://www.tempusactas.unb.br/index.php/tempus/article/view/1859/1570>

ANDRETA R.L; CAMPOS, R.S. Base da pirâmide social brasileira: O perfil dos trabalhadores terceirizados no contexto dos anos 2000. **Revista da ABET**, v.14, n.2, p.241-258, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/abet/article/view/27952/15021>

ANTUNES, R. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital**. 2. Ed, São Paulo, Boitempo, 2020.

ANTUNES, R. Os modos de ser da informalidade: rumo a uma nova era da precarização estrutural do trabalho? **Serv. Soc. Soc.**, v.107, p.405-419, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/sssoc/n107/02.pdf>

ANTUNES, R.; PRAUN, L. A sociedade dos adoecimentos no trabalho. **Serv. Soc. Soc.**, v.123, p.407-427, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/sssoc/n123/0101-6628-sssoc-123-0407.pdf>

AQUINO, C.A.B; SABÓIA, I.B; MELO, P.B; CARVALHO, T.A; XIMENES, V.M. Terceirização e saúde do trabalhador: uma revisão da literatura nacional. **Rev. Psicol., Organ. Trab.**, v.16, n.2, p.130-142, 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpot/v16n2/v16n2a03.pdf>

ASSUNÇÃO, A.A; ABREU, M.N.S. Fatores associados a distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho autorreferidos em adultos brasileiros. **Rev. Saúde Pública**, n.51, p.1-10, 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/rsp/v51s1/pt_0034-8910-rsp-S1518-87872017051000282.pdf

PESTANA, B.M.; ALENCAR, M.C.B. *O trabalho terceirizado de limpeza de trabalhadoras com LER /DORT*. R. Laborativa, v. 10, n. 2, p. 08-30, out./2021. <http://ojs.unesp.br/indexphp/rlaborativa>

AZEVEDO E.R.F. **Análise do trabalho e da saúde das mulheres que desempenham a função de limpeza no polo universitário de Volta Redonda.** 185p. Rio de Janeiro. Dissertação [Mestrado em Sistemas de Gestão] Universidade Federal Fluminense, 2015. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/1/851/1/Dissert%20Eliza%20Regina%20OFonseca%20de%20Azevedo.pdf>

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo.** Lisboa, Edições 70, 2011.

BERNI L.B; BECK C.L.C; PRESTES F.C; SILVA R.M; BUBLITZ S; LAMB F. Indicadores de prazer/sofrimento em trabalhadores terceirizados de higiene e limpeza de um hospital universitário. **Rev Rene**, n.17, v.2, p.155-64, 2016. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/rene/article/view/2987/2301>

BRASIL a, Ministério da Saúde, **Saúde Brasil 2018 - Uma análise da situação de saúde e das doenças e agravos crônicos: desafios e perspectivas.** Brasília - DF, 2019. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_brasil_2018_analise_situacao_saude_doencas_agravos_cronicos_desafios_perspectivas.pdf

BRASIL b, Ministério da Saúde, **O SINAN**, 2019. Disponível em: <<http://portalsinan.saude.gov.br/o-sinan>>, acesso em: 30/04/2020.
BRENDBEKKEN, R.; ERIKSEN, H.R.; GRASDAL, A.; HARRIS, A.; HAGEN, E.M.; TANGEN, T. Return to work in patients with chronic musculoskeletal pain: multidisciplinary intervention versus brief intervention: a randomized clinical trial. **Journal of Occupational Rehabilitation**, n.26, v.2, p.01-10, 2016. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10926-016-9634-5>

CAMARGO, M. L. Presenteísmo: denúncia do mal-estar nos contextos organizacionais de trabalho e de riscos à saúde do trabalhador. **R. Laborativa**, v.6, n.1 (especial), p.125-146, 2017. Disponível em: <http://ojs.unesp.br/index.php/rlaborativa>

CHAGAS, R.; REIS, S. The influence of work organization on the job satisfaction of workers. **International Journal on Work Conditions**, v.8, p.83-97, 2014.

CHAN, J; PUN, N; SELDEN, M. A política da produção global: Apple, Foxconn e a nova classe trabalhadora chinesa. IN: **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil IV: trabalho digital, autogestão e expropriação**

PESTANA, B.M.; ALENCAR, M.C.B. *O trabalho terceirizado de limpeza de trabalhadoras com LER /DORT.* R. Laborativa, v. 10, n. 2, p. 08-30, out./2021. <http://ojs.unesp.br/indexphp/rlaborativa>

da vida: o mosaico da exploração. Org: Ricardo Antunes. 1 ed. São Paulo, Boitempo, 2019.

CHILLIDA M.S.P.; COCCO M.I.M. Saúde do trabalhador & terceirização: perfil de trabalhadores de serviço de limpeza hospitalar. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, v.12, n.2, p.271-276, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rlae/v12n2/v12n2a18.pdf>

DEJOURS, C. **A banalização da injustiça social.** Rio de Janeiro; Ed. FGV, 2007.

DOSEA G.S; OLIVEIRA C.C.C; LIMA S.O. Sintomatologia osteomuscular e qualidade de vida de portadores de distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho. **Esc. Anna Nery**, v.20, n.4, p. e20160103, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ean/v20n4/1414-8145-ean-20-04-20160103.pdf>

DRUCK, G. Trabalho, precarização e resistências: novos e velhos desafios? **Caderno CRH**, n.24, v.spe1, p.37-57, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ccrh/v24nspe1/a04v24nspe1.pdf>

FREITAS, C; ALENCAR, M. C. B; LOPES, V. L; SOUZA, F. G. Perfil de sujeitos com transtornos dos tecidos moles atendidos em um serviço de saúde do trabalhador e as LER/DORT. **Cad. Ter. Ocup. UFSCar**, v.23, n.2, p.305-312, 2015. Disponível em: <http://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/768/625>

FREZ, G. M.; MELLO V. M. Terceirização no Brasil. **South American Development Society Journal**, v.2, n.4, p.79-101, 2016. Disponível em: <http://www.sadsj.org/index.php/revista/article/view/32/31>

GEMMA B., FRANCISCA, S.; FUENTES-ROJAS, M.; BARBOSA M.S.J. Agentes de limpeza terceirizados: entre o ressentimento e o reconhecimento. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, v.42, n.4, p.1-10, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbso/v42/2317-6369-rbso-42-e4.pdf>

GAEDKE, M.A; KRUG, S.B.F. Quem eu sou? a identidade de trabalhadoras portadoras de LER/DORT. **Revista Textos & Contextos Porto Alegre**, v.7, n.1, p.120-137, 2008. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/view/3942/3206>

PESTANA, B.M.; ALENCAR, M.C.B. *O trabalho terceirizado de limpeza de trabalhadoras com LER /DORT.* R. Laborativa, v. 10, n. 2, p. 08-30, out./2021. <http://ojs.unesp.br/indexphp/rlaborativa>

GIOSA, L.A. **Terceirização: Uma abordagem estratégica**. Pioneira, 2003.

KUMAR R. **Ergonomic Evaluation and design of Tools in Cleaning Occupation**. 198p. [Tese de Doutorado]. Division of Industrial Design Department of Human Work Sciences, Lulea University of Technology. Luleå, Sécia, 2006. Disponível em: <http://ltu.diva-portal.org/smash/get/diva2:990964/FULLTEXT01.pdf>

LANCMAN, S; SATO, A.T; HEIN, D.T; BARROS, J.O. Precarização do trabalho e sofrimento psíquico: ação em psicodinâmica do trabalho em um serviço de farmácia hospitalar universitário. **Rev Bras de Saude Ocup.**, v.44, p.e33, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbso/v44/2317-6369-rbso-44-e33.pdf>

LUZ, E.M.F; MAGNAGO, T.S.B.S.; GREGO, P.B.T.; ONGARO, J.D.; LANES, T.C.; LEMOS, J.C. Prevalência e fatores associados à dor musculoesquelética em trabalhadores do serviço hospitalar de limpeza. **Texto Contexto Enferm.**, v.26, n.2, p. e00870016, 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/tce/v26n2/pt_0104-0707-tce-26-02-e00870016.pdf

MACHADO, F.K.S; GIONGO, C.R.; MENDES, J.M.R. Terceirização e Precarização do Trabalho: uma questão de sofrimento social. **Psicologia Política**, v.16, n.36, p.227-240, 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpp/v16n36/v16n36a07.pdf>

MANDARINI M.B., ALVES A.M., STICCA M.G. Terceirização e impactos para a saúde e trabalho: Uma revisão sistemática da literatura. **Rev. Psicol. Organ. Trab.**, v.16, n.2, p.143-152, 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpot/v16n2/v16n2a04.pdf>

MERLO, A.R.C; JACQUES, M.G.C; HOEFEL, M.G.L. Trabalho de grupo com portadores de LER/DORT: Relato de experiencia. **Psicologia: reflexão e crítica**, v.14, n.1, p. 253-258, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/LPmPfTdm5FKH7yNJXdVJ4vg/abstract/?lang=pt>

MOSSI, T.W. Lutas trabalhistas como lutas minoritárias: a questão da dignidade do trabalhador terceirizado. **Sociologias**, v.50, p.236-259, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/soc/v21n50/1807-0337-soc-21-50-236.pdf>

POCHMANN, M. **Trajetórias da Terceirização**. SINDEEPRES, 2014.

PESTANA, B.M.; ALENCAR, M.C.B. *O trabalho terceirizado de limpeza de trabalhadoras com LER /DORT*. R. Laborativa, v. 10, n. 2, p. 08-30, out./2021. <http://ojs.unesp.br/indexphp/rlaborativa>

RAMOS, M. Z.; BIANCHETTI, D. L. C.; MERLO, A. R.C.; POERSCH A.L.; VEECK, C.; HEISLER, S.Z.; VIEIRA, J. A. Trabalho, adoecimento e histórias de vida em trabalhadoras da indústria calçadista. **Estudos de Psicologia**, v.15, n.2, p.207-215, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/epsic/v15n2/10.pdf>

REIS, S.B. **Prazer e sofrimento com trabalhadores terceirizados**. 112p. [Dissertação de Mestrado]. Programa de pós graduação em Administração. Universidade Potiguar. Natal, Rio Grande do Norte, 2014. Disponível em: <https://silo.tips/download/universidade-potiguar-pro-reitoria-de-pesquisa-e-pos-graduacao-programa-de-pos-gr>

ROCHA, S.R.A; MENDES A.M; MARRONE, C.F. Sofrimento, distúrbios osteomoleculares e depressão no contexto de trabalho: uma abordagem psicodinâmica. **Estudos e pesquisas em Psicologia**, v.12, n.2, p.379-394, 2012. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/8270/6028>

ROSSI, E.Z. Análise clínica da organização do trabalho bancário e o processo de adoecimento por LER/DORT. In: **Psicodinâmica e Clínica do Trabalho. temas, interfaces e casos brasileiros**. Org. MENDES, A.M.; MERLO, A.R.C.; MARRONE, C.F.; FACAS, E.P. Curitiba: Juruá, 2010.

SANTOS, C.C.A.; FERRO, E.F; ALVES, S.N.L.G. Motivação no trabalho versus colaboradores terceirizados. **RACE**, v.1, n.1, p.01-21, 2016.

SANTOS, T.A; MARTINS, P.V. Prevalência de distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho em um contact center. **Revista Rizoma**, v.4, n.1, p.16-31, 2019. Disponível em: <http://revistaadmmade.estacio.br/index.php/rizoma/article/viewFile/3777/3777>

SRT/ DIEESE- Secretaria Nacional de Relações de Trabalho/ Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos. **Terceirização e desenvolvimento: uma conta que não fecha: dossiê acerca do impacto da terceirização sobre os trabalhadores e propostas para garantir a igualdade de direitos**. São Paulo, Central Única dos Trabalhadores, 2014. Disponível em: <https://www.cut.org.br/system/uploads/ck/files/Dossie-Terceirizacao-e-Desenvolvimento.pdf>

SILVA, J.P.C; FERREIRA, L.S; ALMEIDA, B.L.F. Os impactos das atuais condições de trabalho na saúde do trabalhador: o trabalho sob a nova

PESTANA, B.M.; ALENCAR, M.C.B. *O trabalho terceirizado de limpeza de trabalhadoras com LER /DORT*. R. Laborativa, v. 10, n. 2, p. 08-30, out./2021. <http://ojs.unesp.br/indexphp/rlaborativa>

organização e o adoecimento dos trabalhadores e das trabalhadoras atendidos no Cerest/JP. **Braz. J. of Develop.**, v.5, n.11, p.23206-23220, 2019. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/4341/4071>

SZNELWAR, L.I; LANCMAN, S; WU, M.J; ALVARINHO, E; SANTOS, M. Análise do trabalho e serviço de limpeza hospitalar: contribuições da ergonomia e da psicodinâmica do trabalho. **Revista Produção**, v.14, n.3, p.045-057, 2004.

VARGAS, F.B. Trabalho, Emprego, Precariedade: dimensões conceituais em debate. **Caderno CRH**, v.29, n.77, p. 313-331, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ccrh/v29n77/0103-4979-ccrh-29-77-0313.pdf>

Artigo apresentado em: 25/02/2021

Aprovado em: 25/05/2021

Versão final apresentada em: 28/09/2021

PESTANA, B.M.; ALENCAR, M.C.B. *O trabalho terceirizado de limpeza de trabalhadoras com LER /DORT*. R. Laborativa, v. 10, n. 2, p. 08-30, out./2021. <http://ojs.unesp.br/indexphp/rlaborativa>